

# **PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA:** Ensinando e pesquisando em ambas aceguás e ambos nogales

**CROSS-BORDER LANDSCAPE:** Teaching and researching in  
ambas aceguás and ambos nogales

**PAISAJE TRANSFRONTERIZO:** Enseñando e investigando en  
ambas aceguás y ambos nogales

## RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever e discutir um experimento de pesquisa e ensino sobre processos fronteiriços localizados, propondo uma metodologia comparativa para os Estudos Fronteiriços. Duas disciplinas, ministradas simultaneamente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BRA e na State University of Arizona, EUA entraram em diálogo, permitindo combinar teorias geográficas sobre paisagem e espaço com uma matriz de observação transfronteira sistemática, estabelecendo diretrizes para a investigação dos domínios da paisagem socioespacial transfronteira (forma, função, estrutura e dinâmica) em Aceguá, BRA/ Aceguá, URU e Nogales, MEX/ Nogales, EUA. Em comparações cruzadas, foi possível detalhar características de Ambas Aceguás (moradias, trânsito livre e integração) e de Ambos Nogales (estabelecimentos comerciais, controle fronteiriço e integração). Explorar as diferentes condições fronteiriças sul e norte-americanas permitiu aos alunos entender que as fronteiras podem ser, a um só tempo, elemento da paisagem e instituição estruturante das relações sociais em suas imediações.

Palavras-chave: Fronteira. Paisagem Transfronteira. Cidades-gêmeas. Condição Fronteira. Educação

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to describe and discuss a research and teaching experiment on situated border processes, proposing a comparative methodology for Border Studies. Two seminars, taught simultaneously at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BRA and at the State University of Arizona, USA engaged in dialogue, enabling the combination of geographic theories about landscape and space with a systematic cross-border observation matrix, establishing guidelines for the investigation of domains of the cross-border socio-spatial landscape (form, function, structure and dynamics) in Aceguá, BRA/ Aceguá, URU and Nogales, MEX/ Nogales, USA. In cross comparisons, it was possible to detail specifications of Ambas Aceguás (housing, free transit and integration) and Ambos Nogales (commercial establishments, border control and integration). Exploring the different South and North American border conditions allowed students to understand that borders can be, at the same time, an element of the landscape and a structuring institution of social relations in their surroundings.

Keywords: Borders. Cross-border Landscape. Twin cities. Border condition. Education.

## RESUMEN

El propósito de este artículo es describir y discutir un experimento de investigación y enseñanza sobre procesos fronterizos localizados, proponiendo una metodología comparativa para los Estudios Fronterizos. Dos disciplinas, impartidas simultáneamente en la Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BRA y en Arizona State University, EE. UU. entraron en diálogo, permitiendo combinar teorías geográficas sobre el paisaje y el espacio con una matriz sistemática de observación transfronteriza, estableciendo pautas para la investigación de dominios. del paisaje socioespacial transfronterizo (forma, función, estructura y dinámica) en Aceguá, BRA/ Aceguá, URU y Nogales, MEX/ Nogales, EE. UU. En comparaciones cruzadas, fue posible detallar las características de Ambas Aceguás (viviendas, tránsito libre e integración) y Ambos Nogales (establecimientos comerciales, control e integración fronteriza). Explorar las diferentes condiciones fronterizas de América del Sur y del Norte permitió a los estudiantes comprender que las fronteras pueden ser, al mismo tiempo, un elemento del paisaje y una institución estructuradora de las relaciones sociales en su entorno.

Palabras clave: Fronteras. Paisaje Transfronterizo. Ciudades gemelas. Condición Fronteriza. Educación.

## Apresentação

Este estudo comparativo foi idealizado por docentes dedicados aos Estudos Fronteiriços na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre - RS e na Arizona State University (ASU), em Tempe - AZ, com o intuito de apresentar aos estudantes de graduação formas de pesquisar a fronteira, em suas complexidades e variações, através da análise da paisagem transfronteiriça.

A metodologia para a observação sistemática da paisagem transfronteiriça em cidades-gêmeas, gerada para dar conta desse objetivo, permite ainda aproximar distintos pares de cidades, seja na pesquisa em fronteiras ou como instrumento didático para o ensino superior. A análise da paisagem transfronteiriça pode ser empregada em cursos de Geografia Política, Regional ou Urbana, etc., como ocorreu nas disciplinas que realizaram a presente pesquisa, Geografias Descoloniais e *Borders in Motion* [Ing.: Fronteiras em Movimento] nas cidades-gêmeas de Aceguá, BRA/ Aceguá, URU e Nogales, MEX/ Nogales, EUA. A análise das cidades-gêmeas é frequentemente identificada com estudos de caso, com seus alcances e limites. Além de relatar uma prática didática factível para aqueles dedicados aos Estudos Fronteiriços, a intenção deste artigo é apresentar uma metodologia que permita superar o estigma de irrelevância por vezes atribuído aos estudos de caso de cidades da fronteira, ao facilitar a comparação e organização de casos, não mais isolados.

## Um marco conceitual para fronteiras

No segundo semestre de 2018, na turma de Geografias Descoloniais (8ª etapa do curso de licenciatura em Geografia) e na disciplina *Borders in Motion* (2º ciclo do curso de graduação em Estudos Transfronteiriços), deu-se início à construção da análise comparativa entre cidades-gêmeas em duas condições fronteiriças bastante diferenciadas.

Num primeiro momento, foi necessário conceituar fronteira, condição fronteiriça e cidades-gêmeas. Isso foi feito tomando como ponto de partida o sentido territorial e interestatal da fronteira, já que esta é a concepção mais presente na bibliografia sobre o tema (Rocha, Dorfman e França, 2015).

Entretanto, vários trabalhos têm contestado a assimilação entre a fronteira territorial e a escala do Estado (Benedetti; Bustinza, 2017). Na Geografia Política crítica, temos a difusão da ideia de multiterritorialidade (Haesbaert, 1997, Becker, 1988), em que o território se afasta da concepção realista que o vincula ao Estado-nação. Ao considerar a existência de territórios em diferentes escalas e temporalidades, a multidimensionalidade das fronteiras se impõe, ainda que se conserve seu sentido territorial (Agnew, 1994).

Mantendo o sentido territorial, mas problematizando os processos fronteiriços, podemos compreender uma ambiguidade muito presente no espaço brasileiro e na teoria socioespacial que busca explicá-lo (Souza, 2018; Ferrari, 2014). No Brasil, é corrente o uso da expressão fronteira para caracterizar a justaposição de objetos espaciais semelhantes (territórios estatais ou não), remetendo à fórmula clássica de Jacques Ancel da “isóbara de poder” (1938, p. 195; Cataia, 2011). Mas também é corrente o emprego dessa palavra em (análises de) projetos de avanço de uma lógica espacial sobre outra, como no livro canônico de José de Souza Martins (2019). São, portanto, dois sentidos de “fronteira” bem diferentes, um normalmente associado a processos dialógicos em fronteiras internacionais, e outro referindo às frentes pioneiras, frentes de expansão, de violência simbólica e material exacerbada (Dorfman, 2013).

Contemporaneamente, essa justaposição de sentidos parece corresponder melhor à dinâmica da fronteira do que a distinção entre limites e fronteiras amplamente utilizada, seja em livros didáticos do ensino básico (Veloza, 2019), seja na bibliografia brasileira mais difundida sobre o tema no Brasil (Machado, 1998). A dicotomia entre os limites – polígonos lineares que delimitam os perímetros estatais e definiriam processos centrípetos e estan-

ques – e as fronteiras - zonais, centrífugas e permeáveis – parece ter se esvaído, porque fronteiras, frentes ou limites, sempre e cada vez mais estão relacionados à (tentativa de controle da) permeabilidade e trânsito.

Fora do Brasil, outras teorias entram em cena, seja desterritorializando a fronteira estatal, ao alegar que as dimensões de dominação (controle) e apropriação (identidade) não se realizam mais nos limites do território do estado (Brunet-Jailly, 2017); ou reivindicando a territorialidade das fronteiras móveis associadas a fronteiridades tais como passaportes, bancos de dados e processos de seletividade e *profiling* no ciberespaço (Szary; Giraut, 2015).

Ao mesmo tempo, e além das concepções territoriais, temos outras teorias que reconhecem o sentido relacional e processual das fronteiras (Barth, 2011 e Newman, 2003, respectivamente), como acontece com as fronteiras étnicas tornadas cada vez mais relevantes em função das mobilidades humanas ampliadas.

Em todas essas concepções, estatais ou multidimensionais, morfológicas ou processuais, territoriais ou não, mantém-se um núcleo sêmico ligado à ideia de descontinuidade (Reitel, 2004), ainda que os processos de fronteirização também operem como fonte de territorialidade.

Os aspectos ligados à territorialidade se destacam quando consideramos as diferentes condições fronteiriças que manifestam a relação entre os lugares fronteiriços e processos em diferentes escalas, particularmente a representação da nação, na forma de práticas culturais e de controle (Dorfman, 2013). A condição fronteiriça é fonte de territorialidade na medida em que rupturas e fechamentos, adaptações e possibilidades são acionados pelos habitantes da fronteira, criando vínculos sociais e territoriais que acionam a fronteira como marcador (*idem*).

No que tange aos lugares, muito já se discutiu sobre as cidades-gêmeas. No passado, teóricos da localização descreveram as cidades fronteiriças como lugares urbanos desviantes, onde a fronteira criava uma funcionalidade fragmentada, limitava a atividade econômica e gerava marginalização social e política (Hansen, 1977; Pébayle, 1978). No Brasil, a conceituação canônica foi proposta por Lia Osório Machado, nos seguintes termos: trata-se de adensamentos populacionais, cortados pela linha de fronteira, seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura e com problemas e processos característicos da fronteira, tais como integração econômica e cultural (Machado, 1998). Essa definição foi adotada em documentos legais, como no caso da portaria n.125 de 2014, onde essas cidades são listadas (Brasil, 2014).

Outras definições apresentam as cidades fronteiriças como estruturas socioespaciais altamente interdependentes, cuja localização e existência estão ligadas à fronteira (Buursink, 2001). Mais recentemente, a localização fronteiriça passa a ser interpretada como uma vantagem competitiva, parte do capital territorial dessas cidades (Sohn; Lara-Valencia, 2013). Nessa perspectiva, as cidades-gêmeas tornam-se o *locus* de intensa interação, de complementaridades e interdependências, apesar das contradições e complexidades das fronteiras internacionais.

## **Apresentando os domínios da paisagem transfronteiriça.**

Os conceitos de fronteira, condição fronteiriça e cidades-gêmeas foram trazidos em aulas expositivas, dentro da proposta de análise comparativa da fronteira Brasil-Uruguai e México-Estados Unidos. O conceito de paisagem fronteiriça tem sido trabalhado há algumas décadas, em diferentes tradições e concepções, e foi acionado para orientar os discursos em suas atividades em campo.

Neste trabalho, a paisagem transfronteiriça destaca a influência das fronteiras na natureza e no ambiente, nas dinâmicas e estruturas da interação das populações fronteiriças e da ação dos Estados. A paisagem expressa um sistema de significações cujos sentidos são feitos, refeitos e percebidos através das relações sociais (dell’Agnese; Szary, 2015). A ênfase no “transfronteiriço” – em lugar de fronteiriço – indica uma atenção especial aos processos que envolvem ambos os lados da fronteira.

Mas como operacionalizar tais conceitos para realizar pesquisas comparadas? Foi necessário criar instrumentos de observação compartilhados, partindo para o estudo dos casos de Ambas Aceguás e Ambos Nogales.

Iniciamos com a Matriz de Observação Sistemática proposta pelo Prof. Lara-Valencia. Esse instrumento parte de um diagrama com dois círculos concêntricos com raios de 0,5 km e 1 km cada, que é sobreposto a imagens aéreas ou mapas da área de estudo, tendo como ponto irradiador a linha de fronteira e o principal acesso para cruzá-la. Desta forma, os círculos ficam com uma metade em cada lado do limite. Os círculos são então divididos em quadrantes, que recebem números de um a oito. As figuras 1 e 2 mostram matrizes de observação sistemática para Ambos Aceguás e Ambos Nogales.

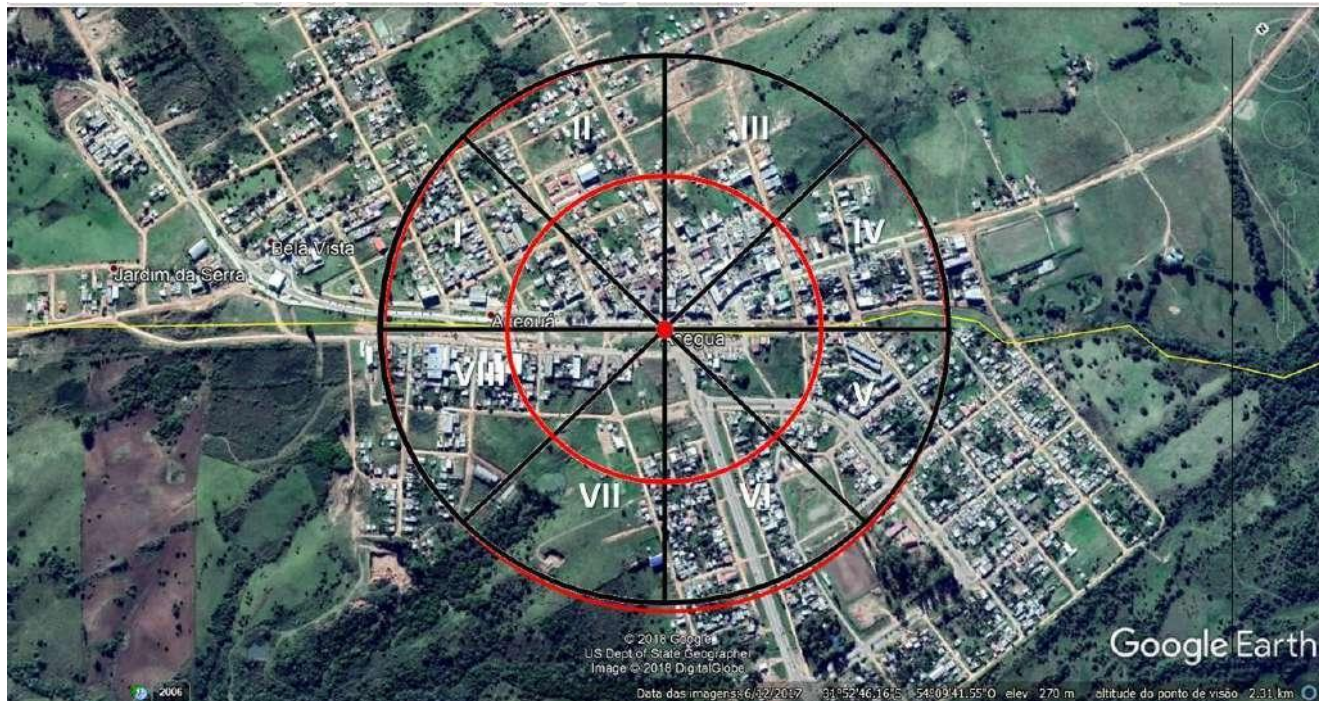


Figura 1: Matriz de observação sistemática de Aceguá, BRA/ Aceguá, URU.

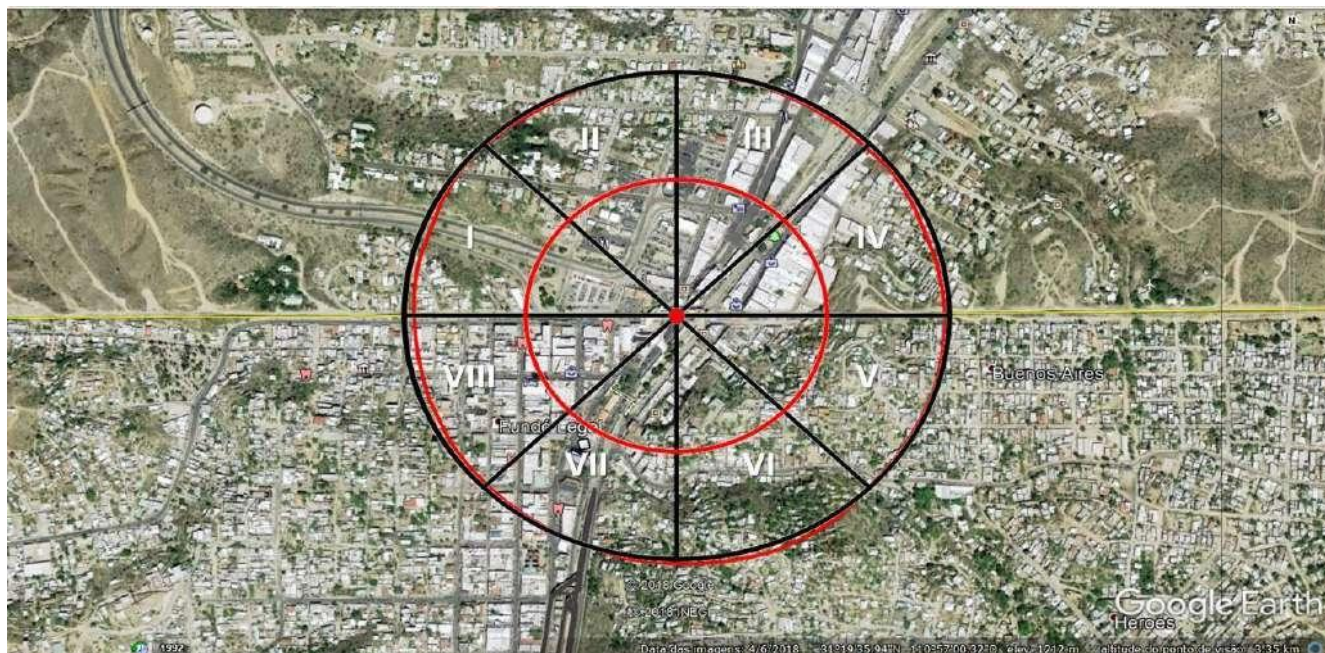


Figura 2: Matriz de observação sistemática de Nogales, MEX/ Nogales, EUA.

Identificamos grande semelhança entre os domínios propostos na Matriz de Observação Sistemática estruturada pelo Prof. Lara-Valencia (2018) e as orientações presentes no Manual de Leitura de Paisagem, elaborado pelos Professores Roberto Verdum e Luiz Fernando Mazzini Fontoura (2009), em uso em algumas disciplinas do curso de Geografia da UFRGS. A publicação de Verdum e Fontoura traz um roteiro para leituras de paisagem, considerando critérios relevantes à realidade local e regional (Verdum; Fontoura, 2009).

Aproximamos a Matriz de Observação Sistemática ao Roteiro de Leitura da Paisagem. Aprofundamos o entendimento dos aspectos a serem observados recorrendo à obra Espaço e Método, de Milton Santos (1985), que propõe como categorias da análise espacial forma, função, estrutura e processo. A partir dessas referências, montamos o roteiro a ser empregado nos trabalhos de campo e na elaboração dos relatórios descritivos, estabelecendo balizamentos que permitiam a aproximação das análises feitas para cada par de cidades.

Foram definidos quatro domínios da paisagem transfronteiriça: forma, função, estrutura e dinâmica (processo). Obviamente, trata-se de um esquema, lidando com as múltiplas sobreposições presentes nas práticas cotidianas fronteiriças (quadro 1).

DOMÍNIO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
FORMA	Aspecto visível de uma paisagem, com elementos do ambiente natural e construído facilmente reconhecíveis em campo, que expressam as oportunidades e os fluxos de interação através das fronteiras.	Ocupação das terras, relevo, presença de água, cobertura vegetal, morfologia urbana, condições de arruamento, etc. Símbolos nacionais, placas, postos de controle, pontes, túneis, canais, muros etc.
FUNÇÃO	Apropriação do espaço e uso social. A interação, as complementaridades, interdependências ou a separação entre ambos os lados da fronteira em atividades ligadas à economia e às sociedades.	Turismo, compras, viajantes, migrações, comércio. Serviços e fluxos humanos e econômicos continuados ou intermitentes.
ESTRUTURA	O alcance dos mecanismos formais e informais e as normas e leis criadas para regular as interações sociais e econômicas na área. Revela a natureza social e econômica do espaço fronteiriço.	Intervenções estatais realizadas e propostas. Infraestruturas de saúde, educação e outros serviços públicos compartilhados ou não. Cooperação, coordenação, acordos, redes, planos, coalizões, conselhos, etc.
PROCESSO/ DINÂMICA	Práticas culturais e simbólicas contínuas que geram semelhanças e diferenças entre as unidades de paisagem ao longo do tempo, em sua continuidade e em mudanças.	Dinâmicas derivadas das interações sociais e econômicas. Dinâmicas culturais e simbólicas (artes, língua, etc.) expressando alteridade, identidade e pertencimento transfronteiriços, etc.

Quadro 1: Resumo dos domínios da paisagem transfronteiriça.

Fonte: Elaborado por Adriana Dorfinan a partir de Lara-Valencia (2018), Verdum; Fontoura (2009) e Santos (1985).

Através do referencial citado acima, e com a orientação dos respectivos professores, as turmas de Geografias Descoloniais e *Borders in Motion* realizaram uma exploração virtual das duas áreas de estudo no software *Google Earth Pro*, permitindo realizar comparações entre ambos os pares de cidades. No início de novembro de 2018, os professores deram aulas via *Skype*, trocando as turmas. Apesar das questões de fuso horário, a apresentação das cidades-gêmeas próximas dos professores para alunos distantes facilitou a exploração de semelhanças e diferenças entre Ambas Aceguás e Ambos Nogales. As cidades-gêmeas distantes provocaram grande interesse nos alunos: os brasileiros se chocaram com a materialização do muro fronteiriço e os norte-americanos conheceram uma fronteira aberta, desimpedida, inimaginável a partir de sua experiência.

A próxima atividade foi organizar as responsabilidades de cada turma no trabalho de campo. A prática de campo é usada, contemporaneamente, em algumas áreas da ciência, tais como a Geografia e a Antropologia, que buscam a observação direta e a análise de objetos situados fora de gabinetes, bibliotecas e salas de aula. A inclusão de trabalhos de campo nas disciplinas de ensino superior reflete o entendimento de que práticas de leitura do espaço integram não apenas as atividades de pesquisa, mas também o ensino-aprendizagem. A observação em campo foi condicionada pelos recursos e cronograma da faculdade e dos alunos, pelos dias letivos ou de trabalho, e pela distância de Porto Alegre a Ambas Aceguás (432 km) e de Tempe a Ambos Nogales (280 km).

## Pesquisando em Ambas Aceguás

Nos dias 10 e 11 de novembro de 2018 foi realizado um trabalho de campo, saindo de Porto Alegre em direção à Bagé e Aceguá, BRA/ Aceguá, URU (figura 3).

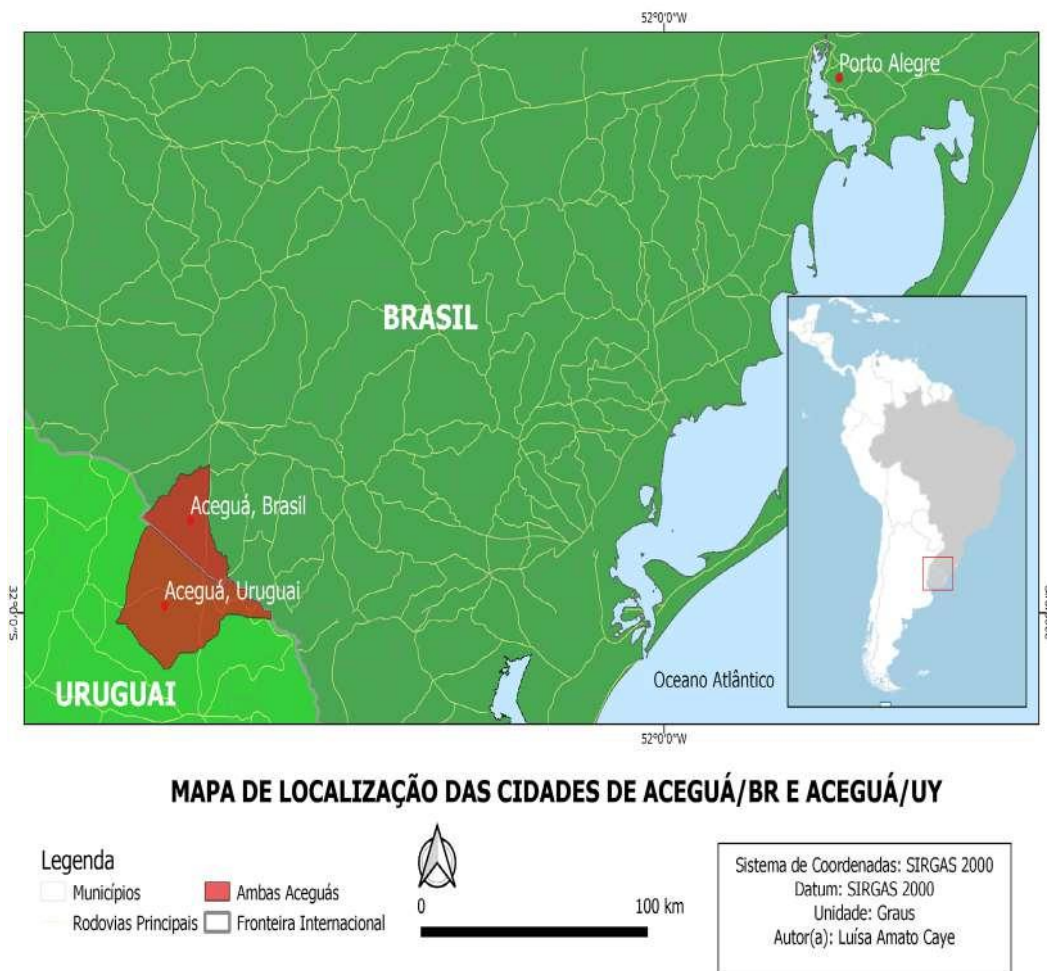


Figura 3: Mapa de localização das cidades de Aceguá, BRA/ Aceguá, URU. Cartografia de Luísa Amato Caye (2019).

A cidade de Aceguá, BRA apresenta, de acordo com o censo de 2010 do IBGE, 4.394 habitantes, sendo em sua maioria moradores da área rural, enquanto Aceguá, URU possui menos de 2.000 habitantes (Mazzei; Souza, 2012). Ambas são cidades pequenas e ficam distantes dos grandes centros urbanos, assim como de suas respectivas capitais, (Porto Alegre) Brasília e Montevideú. Por se situar em áreas periféricas dos Estados nacionais, fogem do destino das tradicionais políticas de desenvolvimento destinadas aos centros urbanos, e acabam por apoiar-se no atendimento da população local.

Cada grupo ficou responsável por fazer suas observações em dois quadrantes (dentro de um total de oito) referentes à matriz de observação sistemática (Lara-Valencia, 2018), sendo um destes quadrantes em território brasileiro e o outro em território uruguaio. Os aspectos observados e descritos em cada quadrante foram analisados em relação aos domínios socioespaciais da paisagem transfronteiriça apresentados anteriormente (forma, função, estrutura e dinâmica) e estão aqui organizados a partir dos relatórios dos discentes, incluídos observação do lugar, entrevistas com moradores, registro fotográfico e produções textuais.

Em primeiro lugar, foram observadas as **formas** visíveis da fronteira. Ambas Aceguás ficam no alto duma coxilha suave e diferentes pontos das cidades permitem observar um vasto horizonte, indicando que a escolha do sítio teve razões estratégicas que remetem à história da demarcação dos limites. Os fluxos, representando a interação e a integração, geraram muitos registros nos relatórios elaborados pelos alunos: a fronteira internacional acompanha uma estrada de terra que permite o fluxo livre entre as cidades, o que chama muito a atenção quando comparada com os muros e barreiras presentes em Ambos Nogales. A população ocupa ambos os lados da estrada. Há uma aduana em uma estrada perpendicular à linha de fronteira, que permite fiscalizar a entrada de veículos com mercadorias. Ao longo desta via, muitas casas comerciais se alinham, mas nos quadrantes visitados há predominância das áreas residenciais. A livre passagem pode ser simbolizada por um parque infantil, onde o balanço oscila entre Brasil e Uruguai (figura 4).



Figura 4: Balançando sobre a linha de fronteira em Ambas Aceguás. Foto de Adriana Dorfman (2018).

No que se refere às **funções**, as atividades e interações entre as cidades na fronteira foram analisadas, como a presença dos *free shops* do lado uruguaio, exclusivamente voltados para o turismo de compras de brasileiros (figura 5). Além disso, muitas pessoas, de qualquer nacionalidade, atravessam a fronteira para adquirir produtos em lojas, mercados e armazéns. A flutuação do câmbio faz com que, atualmente, seja mais barato comprar no Brasil do que no Uruguai. Outras interações que ocorrem em Ambas Aceguás estão ligadas à migração pendular realizada por trabalhadores, estudantes e usuários dos sistemas de saúde, que usufruem dos recursos oferecidos pelo país vizinho.





Figura 5: A fronteira (cavalo em Aceguá, BRA, marco e free shops em Aceguá, URU). Foto de Adriana Dorfman (2018).

Em relação à **estrutura** e ao alcance dos mecanismos formais e informais, bem como à legislação e regulação das interações sociais e econômicas, existem algumas iniciativas de integração e aperfeiçoamento dos serviços públicos compartilhados. Por exemplo, a integração se dá através da educação, com crianças uruguaias que fazem o ensino fundamental em escolas brasileiras, e da saúde, visto que o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro pode ser acessado pelos residentes do país vizinho. Há diversas placas que chamam a atenção para os projetos de políticas públicas que impulsionam a integração entre as duas cidades - alguns desses com investimento do Fundo para a Convergência Estrutural do Mercado Comum do Sul (FOCEM) (figura 6).



Figura 6: Placa indicando a origem integracionista dos fundos para a qualificação do saneamento básico em Aceguá, BRA/ Aceguá, URU.  
Foto de Edgar Vellozo (2018).

Ainda no domínio estrutural, é importante notar que Aceguá, BRA é um município, e que nos encontrávamos na cidade-sede do mesmo. Enquanto isso, Aceguá, URU é uma vila, dependente do departamento de Cerro Largo. A diferença de hierarquia se expressa espacialmente em menores investimentos e menos equipamentos de serviços à população.

A detecção de **dinâmicas** depende da interação com a população. Conversando com os moradores sobre suas vivências na área de fronteira, foram observadas dinâmicas derivadas das interações sociais e econômicas que implicam na produção de expressões culturais e de ideias de pertencimento e conexão afetiva que os residentes de um lado da fronteira têm para com os residentes do outro lado.

Se percebe uma forte integração cultural e econômica nesse espaço, uma vez que as crianças desde pequenas são educadas de forma multicultural em um ambiente incomum para pessoas que moram em cidades longe da fronteira. Jovens e adultos fazem trajetos internacionais diariamente para estudar, trabalhar ou fazer compras e essa convivência fortalece os laços entre a população das duas cidades. Entrevistados citaram o Programa Escolas Interculturais de Fronteiras (PEIF), a integração educacional com a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSul), essas últimas instituições na cidade vizinha de Bagé.

Outros processos integrados foram conhecidos em uma conversa com um ex-membro da polícia do Uruguai, que relatou a cooperação entre os departamentos de polícia dos dois países, em que os agentes combinam e autorizam a entrada dos mesmos no país do outro à procura de fugitivos.

Apesar das limitações na realização do trabalho de campo – como o tempo curto e a tarde quente – foram obtidos resultados relevantes a partir da observação feita pelos alunos, que tiveram a experiência de analisar a atividade em uma cidade-gêmea na fronteira do Rio Grande do Sul. Há grande interesse em visitar a fronteira, e vários discentes relataram ter sido este seu primeiro contato com o exterior e com essa espécie de espaço (figura 7).



*Figura 7: Alunos, professores e moradores no marco de fronteira em Ambos Aceguás. Foto de Luiz Fernando Mazzini Fontoura (2018).*

## **Pesquisando em Ambos Nogales**

Um grupo de cinco estudantes da Arizona State University (ASU) deu início ao seu trabalho de campo na manhã do dia 16 de novembro de 2018 em direção a Nogales, Sonora e Nogales, Arizona. Ambos Nogales estão localizados a 280 quilômetros ao sul da cidade de Tempe, na fronteira entre México e Estados Unidos (figura 8).

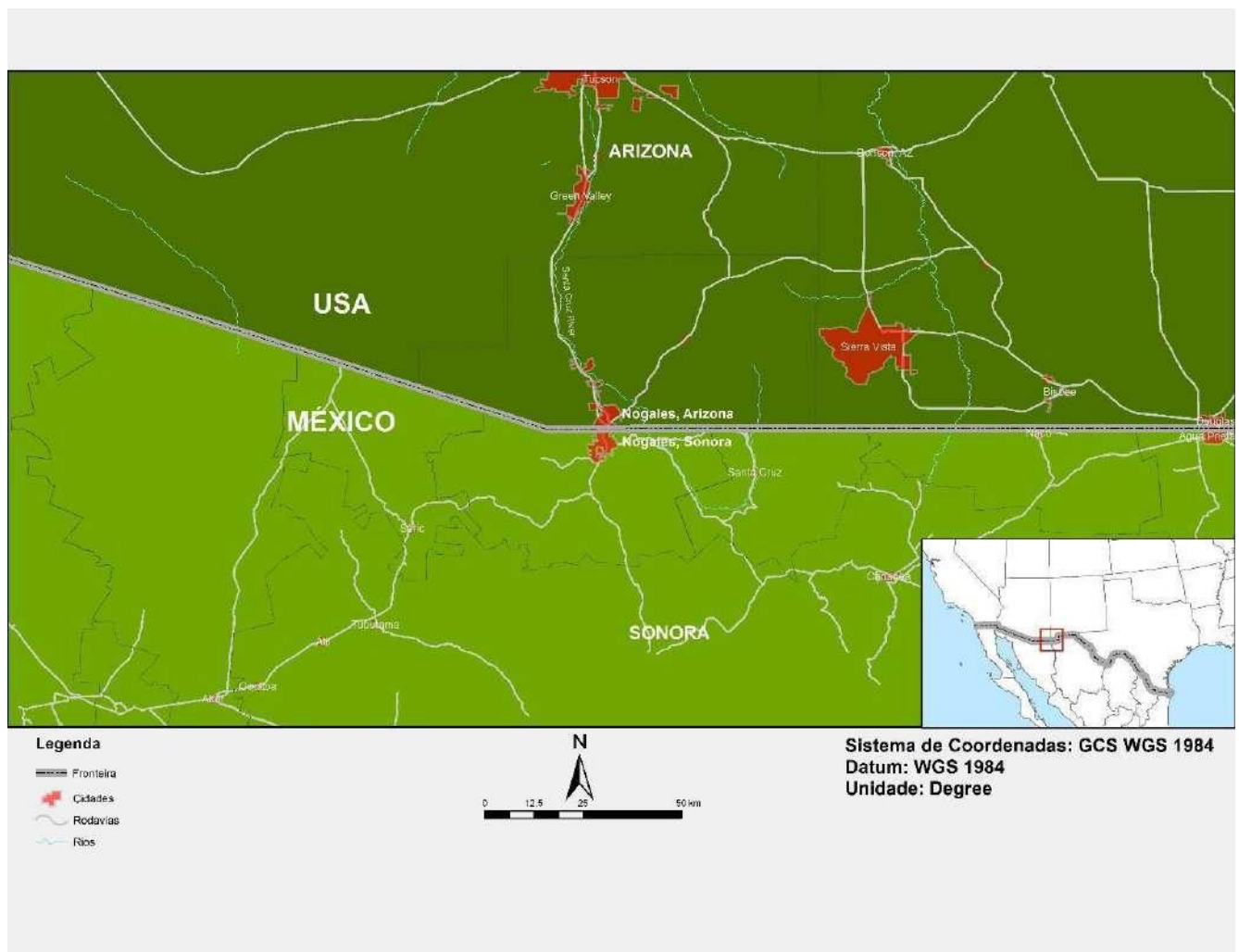


Figura 8: Mapa de localização das cidades de Nogales, EUA/ Nogales, MEX. Cartografia de Francisco Lara Valencia (2019).

Durante o trajeto, o grupo realizou paradas rápidas para observar os elementos da paisagem natural (desertos e rios) e cultural (missões e rotas de transporte) que dão uma identidade comum a região de Ambos Nogales, conhecida por alguns como a “*Pimeria Alta*”. O trabalho de campo começou em Nogales, Arizona, na zona comercial adjacente à fronteira e prosseguiu ao México, quando o grupo cruzou a linha internacional para fazer o percurso e as entrevistas em Nogales, Sonora, e foi finalizado à tarde com um trajeto e mais entrevistas em Nogales, Arizona. A maioria dos estudantes da turma cruzou a fronteira pela primeira vez em suas vidas. Os estudantes receberam instruções para registrar os elementos que definem forma, função, estrutura e dinâmica da paisagem *in loco* e utilizando os quadrantes da matriz de observação sistemática correspondente a cada cidade.

Também foram instruídos de que, ao retornar a Tempe, elaborariam um relatório de trabalho de campo em colaboração com outros estudantes. As observações a seguir estão baseadas tanto nas anotações dos estudantes nas matrizes, como nestes relatórios. A discussão foi enriquecida na aula subsequente ao trabalho de campo, em conjunto com os estudantes que não puderam participar da atividade prática.

Entre os elementos que definem as **formas** da paisagem transfronteiriça de Ambos Nogales, destacam-se os postos de controle fronteiriço que ordenam rigidamente as saídas e entradas de pessoas e veículos entre os dois países. Existem três pontos de cruzamento fronteiriço entre Ambos Nogales, um deles localizado a mais de três quilômetros do centro histórico de ambas as cidades e, portanto, fora do raio de observação estabelecido para este exercício. Os estudantes cruzaram a fronteira caminhando e, para sair dos Estados Unidos pelo posto fronteiriço principal e mais antigo, tiveram que passar por uma porta com catraca e escanear suas mochilas em uma máquina de raio-X, para assim entrar no México.



Figura 9: Veículos entrando em Nogales, MEX pela rua principal. Foto de Francisco Lara Valencia (2018).

Os edifícios que abrigam os serviços de migração e aduana marcam a fronteira de maneira evidente e parecem ser o ponto de partida da cerca metálica de mais de seis metros de altura que divide os dois países (figura 10). As grandes filas de pessoas e de veículos tentando entrar nos Estados Unidos contrastavam com o pequeno movimento em direção ao México naquele momento. O cruzamento fronteiriço é, materialmente, o lugar de uma barreirização seletiva, já que é mais fácil o movimento de norte a sul do que de sul a norte, como foi experimentado pelos estudantes quando retornaram aos EUA pelo pequeno edifício do posto de controle que conecta a rua Morley em Nogales, EUA com a rua Elías, em Nogales, MEX.

Os cruzamentos fronteiriços estão localizados na parte baixa de um vale estreito, flanqueado por um morro de forte declive a leste e colinas mais suaves a oeste. Fica claro que o declive do terreno diminui de sul a norte, fazendo com que o cruzamento fronteiriço seja também o ponto receptor dos deslizamentos superficiais provocados pelas fortes tormentas de verão que são comuns em Nogales (figura 10). Pode-se dizer que a topografia do lugar e a centralidade da fronteira na cidade fazem que os postos de passagem fronteiriça sejam o ponto de congruência entre todos os tipos de fluxos gerados pela natureza e a sociedade em Ambos Nogales.



Figura 10: Patrulha fronteiriça percorrendo a cerca que divide Ambos Nogales. Foto de Francisco Lara Valencia (2018).

A **função** do espaço adjacente ao cruzamento da fronteira em ambos os lados da linha internacional é principalmente comercial, de serviços e administrativa. No entanto, são significativas as diferenças nas funcionalidades, nos tipos de atividades e nos usos do espaço em cada lado da fronteira.

Os primeiros estabelecimentos que observamos são casas de câmbio, “*curios shops*” (vendendo souvenirs), consultórios odontológicos, farmácias e lojas de bebidas alcoólicas que anunciam a entrada do centro comercial histórico de Nogales, MEX. O número de pessoas esperando, caminhando, ou tentando vender algo nas ruas e avenidas que conectam o porto fronteiriço com o centro é considerável e proporciona uma grande vitalidade à área. Ao longo da rua Obregón, o principal corredor turístico de Nogales, também observamos alguns restaurantes, hotéis e salões de beleza. Talvez por ser ainda manhã, a rua não estava com grande tráfego e a maioria das pessoas que por ali transitavam pareciam ser residentes da região.

Alguns edifícios da rua Obregón aparentavam abandono e não foi observado nenhum tipo de obra em andamento. A zona também está ocupada por igrejas, escolas, museus, praças e pelos escritórios do governo municipal. O centro da cidade está dividido pelas vias ferroviárias, e assim, deve-se cruzar por uma passarela que conecta com a rua Elías a leste. Nesta rua se observa a presença de bares e restaurantes, porém também se nota que alguns edifícios antigos estão sendo reconstruídos e transformados em consultórios odontológicos e spas.

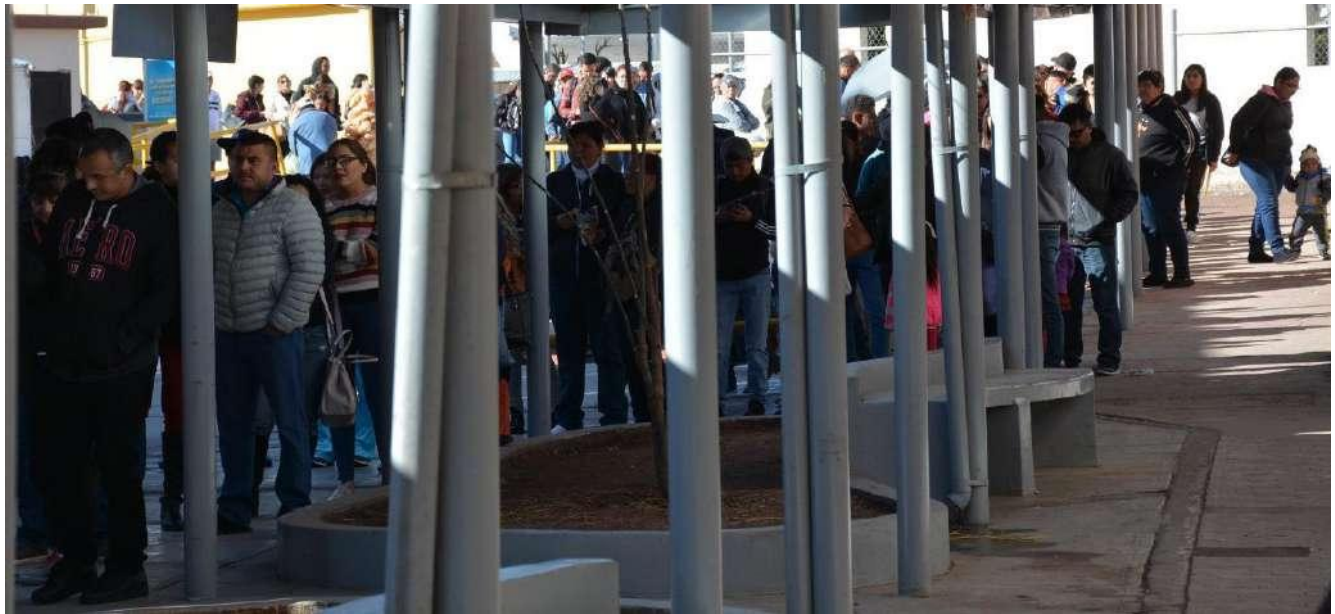


Figura 11: Pessoas esperando para cruzar a fronteira em Nogales, MEX. Foto de Francisco Lara Valencia (2018).

O centro de Nogales, EUA também está dividido pela via ferroviária. No lado oeste, as atividades dominantes têm a função de facilitar a mobilidade para e desde os Estados Unidos. Chama a atenção as empresas de transporte que conectam com Tucson, Phoenix e outras grandes cidades da região. Também se observam algumas casas de câmbio e uma loja *duty free*. Vários compradores desta loja eram pessoas que recebiam seus produtos livres de impostos ao cruzar para o México, apenas para retornar imediatamente aos Estados Unidos. Como nos foi explicado, isso somente é possível se as filas de espera no cruzamento não são grandes. Sendo a área mais antiga da cidade, o centro também é ocupado por uma praça, um museu, uma igreja e um banco. Há alguns estabelecimentos de *fast food*, mas não há restaurantes ou outros serviços para turistas.

No lado leste, a rua Morley é o corredor comercial principal da zona adjacente ao cruzamento fronteiriço em Nogales, EUA e está ocupada principalmente por lojas de roupa, sapatarias e artigos para uso doméstico. Não existem outros tipos de estabelecimentos na área. A maioria das lojas parecem ser gerenciados por comerciantes de origem asiática e oferecem produtos com preços baixos, produzidos principalmente na China. As vitrines

expõem uma grande variedade de produtos, mas observamos uma grande quantidade de compradores mexicanos caminhando até o cruzamento fronteiroço carregados com 2 ou 3 cobertores. Por sua acessibilidade, a rua Morley parece ser um corredor comercial dos compradores mexicanos que cruzam a fronteira caminhando.

A **estruturação** da paisagem transfronteiriça pode ser observada durante o trajeto, em que a fronteira aparece como um espaço vigiado e controlado, como indica o grande número de policiais e guardas que inspecionam os documentos, os pertences e as pessoas. As filas de pessoas e veículos esperando em ordem e pacientemente o momento da inspeção foram observadas e também experimentadas pessoalmente pelos estudantes durante o trabalho de campo.

Em Nogales, EUA a exibição de tecnologia (veículos e barreiras) e pessoal uniformizado, tanto para sair como para entrar, é considerável. Em praticamente qualquer ponto em Nogales, EUA é possível visualizar as torres com câmeras, os refletores, os caminhos e os veículos que fiscalizam a cerca fronteira e que limitam o movimento e a interação social fora das passagens fronteiriças oficiais.

Em Nogales, MEX também se observou a presença de tecnologia de controle e barreiras à circulação de pessoas e veículos, mas não com o mesmo volume e diversidade. Em primeiro lugar, não há guardas inspecionando documentos, são checados apenas pacotes e veículos com mercadorias taxadas.

A fronteira também marca outras diferenças que estruturam e reproduzem usos do espaço que são particulares a cada cidade. Os estudantes observaram que a diversidade de atividades que se realizam no centro de Nogales, MEX é maior e que este local segue atraindo uma importante quantidade de residentes locais, não apenas visitantes e pessoas em trânsito. Entretanto, o centro de Nogales, EUA é mais uniforme e parece ocupado principalmente por visitantes e transeuntes.

Como foi explicado aos estudantes pela diretora do Escritório de Desenvolvimento Urbano de Nogales, MEX, as práticas de planejamento urbano e a regulação do uso do solo são distintas em ambos os lados da fronteira, e isso reflete fisicamente nos centros comerciais de cada cidade. Os estudantes tomaram nota das diferentes expressões materiais e simbólicas dos **processos e dinâmicas** de apropriação e identificação com o espaço em ambos os lados da fronteira. Além dos símbolos nacionais óbvios (bandeiras e brasões nacionais), os estudantes também observaram elementos de resistência ao efeito da fronteira e de seu fechamento. Em Nogales, EUA isso inclui cartazes denunciando a militarização da fronteira e mensagens bilíngues convidando a explorar e conhecer ambas as cidades. Durante uma reunião com o prefeito de Nogales, EUA, foi explicado aos estudantes que a comunidade binacional de Ambos Nogales não é uma ideia, é uma realidade que se mantém e se reproduz cotidianamente pelos laços familiares e de amizade que existem, apesar da cerca e da instalação de arames farpados pelo Exército dos Estados Unidos.

Em Nogales, MEX, a dureza da fronteira é combatida usando a cerca divisória como um mural para a expressão artística, pictórica e escultural, como um instrumento para a denúncia das atrocidades da militarização da fronteira e dos sonhos que induzem a esperança da travessia. Durante o trajeto, também foi possível observar o movimento cotidiano dos estudantes transfronteiriços que cruzam a fronteira do México para ir às aulas em escolas públicas e privadas em Nogales, EUA. A travessia diária da fronteira por motivos educacionais desde jovem é possibilitada pela existência de famílias transfronteiriças. Elas vivem e convivem na fronteira e são importantes porque reforçam a noção da fronteira como um recurso, evidenciando que os obstáculos para sua passagem são um inconveniente desnecessário.



Figura 12: Alunos e professor Francisco Lara-Valencia com o prefeito de Nogales, EUA, John Doyle (2018)

O quadro 2, a seguir, busca aproximar as observações realizadas pelos alunos em Ambas Aceguás e Ambos Nogales.

	AMBAS ACEGUÁS	AMBAS NOGALES
FORMA	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ Área predominantemente residencial organizada pela estrada que também serve como limite territorial entre Brasil e Uruguai.</li> <li>+ Fronteira sem barreiras à passagem da população, fluxo livre entre as cidades, que parecem totalmente geminadas.</li> <li>+ Presença de Aduana deslocada em uma estrada perpendicular à linha de fronteira que fiscaliza a entrada de alguns veículos com mercadorias.</li> <li>+ Topo de morro, visão do horizonte, sítio estratégico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ Os postos de controle fronteiriço (migração e aduanas) de Estados Unidos e México são o elemento central da paisagem urbana de Ambos Nogales.</li> <li>+ A cerca de metal, que se estende de leste a oeste e separa os dois países é o outro elemento definidor do espaço</li> <li>+ Grandes filas de pessoas e veículos esperando pacientemente e em ordem para cruzar a fronteira</li> <li>+ A topografia é dominada por declives a leste e colinas suaves a oeste que formam um estreito vale, pelo qual passa a ferrovia, os veículos e as pessoas que cruzam a fronteira.</li> </ul>



	AMBAS ACEGUÁS	AMBAS NOGALES
FUNÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ Comércio integrado pela flutuação das moedas locais.</li> <li>+ Migração pendular de trabalhadores, estudantes e usuários de serviços médicos no país vizinho.</li> <li>+ Destino turístico e comercial: Free-shops localizados no lado uruguaio geram turismo de compras de brasileiros. Uruguaios não podem comprar nesses estabelecimentos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ Alta concentração de comércios complementares e serviços turísticos em Nogales, MEX e de comércio em Nogales, EUA.</li> <li>+ Intenso movimento bidirecional de pessoas e veículos, o que define a área como uma zona de trânsito. + As funções administrativas principalmente de controle e vigilância fronteiriça, são evidentes na alta densidade de pessoas uniformizadas, câmeras, veículos policiais e barreiras para limitar o movimento da área.</li> </ul>
ESTRUTURA	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ Aceguá, URU tem status administrativo inferior à Aceguá, BRA e tem aspecto mais rural, enquanto Aceguá, BRA tem aspecto mais urbano.</li> <li>+ Iniciativas de melhorar e integrar os serviços públicos sinalizadas por placas institucionais com menção a agências de convergência estrutural e integração regional.</li> <li>+ Asfalto apenas na área de circulação junto aos <i>free shops</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ Contraste nas funções e usos do solo como resultado de diferenças nas contradições e práticas de planejamento em ambos os lados da fronteira</li> <li>+ As diferenças entre o nível de renda, taxas alfandegárias e a flutuação do câmbio peso-dólar criam oportunidades econômicas distintas e variáveis em ambos os lados da fronteira (i.e. lojas de roupa em Nogales, EUA e farmácias em Nogales, MEX).</li> </ul>
PROCESSO/ DINÂMICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ União facilmente perceptível entre a população de Aceguá, BRA e Aceguá, URU</li> <li>+ Espaço multicultural e de forte integração econômica.</li> <li>+ Integração promovida pela circulação da população em busca de serviços e no exercício de suas funções (policiamento, comercialização)</li> <li>+ Ações de integração espontâneas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ Laços familiares e de amizade que contribuem para a formação de um sentido de comunidade que transcende a fronteira.</li> <li>+ Manifestações de multiculturalidade que se expressam no uso da linguagem em todos os âmbitos da vida social e em diversas práticas culturais</li> <li>+ Rejeição, porém também ambivalência, frente às ações de fechamento da fronteira empreendidas pela administração de Donald Trump.</li> <li>+ Ações de fechamento da fronteira forçadas e violentas.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos relatórios de campo da turma de Geografias Descoloniais (UFRGS, 2018) e da turma de Borders in Motion (ASU, 2018).

O quadro acima traz comparações entre as duas condições fronteiriças. Ele também demonstra os resultados possíveis com o método aqui proposto, que permite organizar descrições objetivas dos locais visitados com diversas percepções sobre a paisagem transfronteiriça, informadas também pelos olhares cruzados com as fronteiras mais distantes.

A comparação entre os dois pares de cidades apaga as diferenças presentes na escala local, evidenciando as condições fronteiriças distintas. Ambas Aceguás passam a ser vistas como um conjunto caracterizado por moradias, trânsito livre e integração, enquanto Ambos Nogales são marcadas pela abundância de estabelecimentos comerciais, controle fronteiriço e integração mediada, em comparações cruzadas.

## Considerações Finais

Nas páginas anteriores, descrevemos uma experiência de ensino-pesquisa em que alunos do Brasil e dos Estados Unidos da América transitaram por várias dimensões do fenômeno fronteiriço. Projetado para promover uma compreensão crítica dos conceitos de cidades-gêmeas e condição fronteiriça a partir da análise da paisagem socioespacial transfronteiriça, o método explora a interação entre fronteira (território) e sociedade em diferentes condições fronteiriças, dando a conhecer a natureza fluida, relacional e contraditória desse objeto. As experiências vividas em Ambas Aceguás (ou Ambos Nogales) e as conclusões a que se chega após sua discussão podem ser entendidas como um estudo de caso, mas seu sentido foi aprofundado a partir da comparação com Ambos Nogales (ou Ambos Aceguás).

As cidades-gêmeas de Ambas Aceguás e Ambos Nogales, embora com diferenças substanciais, são espaços em que o poder soberano do Estado-nação é expresso material e simbolicamente em múltiplas formas: postos de controle, regulamentação dos fluxos e símbolos nacionais. No caso da fronteira México-EUA, o poder está na forma de uma fronteira dura e sobredeterminada por camadas de controle que incluem cercas, barreiras, tecnologia e guardas de fronteira que fazem parte de um sistema de vigilância onipresente. No caso da fronteira do Brasil e do Uruguai, o limite não tem outra expressão material além de monumentos, bandeiras e postos de controle que, sem obstruir o movimento entre os dois países, marcam os territórios nacionais.

Devido à sua função de descontinuidade, as fronteiras geram diferenças que estimulam a interação e a mobilidade transfronteiriça das pessoas, que procuram beneficiar-se econômica, social e culturalmente. A manifestação material mais óbvia do efeito da diferença na mobilidade transfronteiriça são as viagens diárias de compradores e turistas em ambas as direções e a concentração de empresas “do outro lado”, na área adjacente às passagens de fronteira de Ambas Aceguás e Ambos Nogales.

Verificou-se ainda que a fronteira induz expressões transculturais e de identidade. Tais expressões são a base de um senso de comunidade que transcende a fronteira. A comunicação bilíngue nas atividades econômicas e no cotidiano e a participação de cidadãos e líderes políticos em ações de cooperação e contra o fechamento da fronteira são elementos que os alunos puderam observar em Ambas Aceguás e em Ambos Nogales.

Todas as observações acima levam a concluir que a análise sistemática da paisagem permite conhecer como a fronteira se materializa e se representa nas cidades-gêmeas estudadas. A comparação entre as paisagens transfronteiriças de Ambas Aceguás e Ambos Nogales permitiu ampliar e transformar essas representações, num processo de pesquisa-aprendizado.

A análise permitiu observar as diferentes visibilidades dos atores que animam essa paisagem, tomando em consideração suas materializações na área urbana das cidades-gêmeas. Os Estados são bastante visíveis, em estruturas como marcos, bandeiras, aduanas, barreiras e muros, por exemplo, ainda que nem sempre exerçam controle rígido. Os atores econômicos expressos na materialidade dos *free shops*, *duty frees*, casas de câmbio e agentes de transporte têm grande visibilidade, com placas nos acessos e construções destacadas, dispostas ao longo dos principais eixos ao longo da fronteira e das vias que levam aos prin-

cipais postos de controle e passagem. As dinâmicas diárias da população exigem acordos de cooperação entre as entidades locais: a integração ao nível local cabe aos atores efetivamente participantes no cotidiano do desenvolvimento regional, como prefeituras, associações, departamentos de polícia, etc. Os atores da sociedade local materializam-se nos pequenos comércios e nas construções residenciais, prédios e casas em geral pequenos e simples e no trânsito cotidiano em demanda de suas atividades e necessidades. Em Ambas Aceguás, as pessoas circulam livremente, balançam seus corpos sobre a linha de fronteira, contestando e reafirmando a separação dos territórios estatais. Em Ambos Nogales, os corpos se ordenam em filas e se submetem aos controles. Mas a fronteira luta para conservar seu caráter de transitividade ao tornar-se suporte para a expressão artística e política de afetos e projetos. Em sua medida, a escala de ação de cada um desses atores constitui a paisagem transfronteiriça de Ambas Aceguás e Ambos Nogales.

Explorar as diferentes condições fronteiriças sul e norte-americanas permitiu aos alunos entender que as fronteiras podem ser, a um só tempo, elemento da paisagem e instituição estruturante das relações sociais em suas imediações.

## Referências

AGNEW, John. The territorial trap: The geographical assumptions of International Relations theory, **Review of International Political Economy**. Vol. 1, No. 1 (Spring, 1994), pp. 53-80.

BECKER, Bertha. A Geografia e o Resgate da Geopolítica. **Revista Brasileira de Geografia**. Vol. 50, No.2, número especial, 1988, p.99-125.

ANCEL, Jacques. **Géographie des frontières**, Paris, 1938, 240 p.

BENEDETTI, Alejandro; BUSTINZA, Ignacio. Estudio comparado de las definiciones sobre frontera en la normativa Sudamérica (con especial énfasis en las décadas de 1980 a 2010). In: BRATICEVIC, Sergio; TOMMEI, Constanza e RASCOVAN, Alejandro (Comp.) **Bordes, Límites, Frentes e Interfaces: Algunos aportes sobre la cuestión de las fronteras**. Buenos Aires, 2017.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Decreto nº8.161**. Portaria 125, de 21 de março de 2014. Republicada em 26 de março de 2014. Brasília, março de 2014.

BRUNET-JAILLY, Emmanuel. **Global Borders: from territorial boundary lines to invisible boundaries?** Victoria: University of Victoria, 2017. 32 slides, color.

BUURSINK, J. 2001. The binational reality of border-crossing cities. **GeoJournal**, 54(1), 7-19.

CATAIA, M. **Território nacional e fronteiras internas. A fragmentação do território brasileiro**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001. (Tese, Doutorado em Geografia).

DELL'AGNESE, Elena; SZARY, Anne-Laure Amilhat. Borderscapes: From Border Landscapes to Border Aesthetics. **Geopolitics**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.4-13, 2 jan. 2015. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14650045.2015.1014284>.

DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: NASCIMENTO, Durbens Martins; PORTO, Jadson Luis Rabelo. **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: NAEA, 2013. p. 97-124.

FERRARI, Maristela. AS NOÇÕES DE FRONTEIRA EM GEOGRAFIA. **Perspectiva Geográfica**, Rondon, v. 9, n. 10, 2014.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as "regiões-rede". **Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia**. Curitiba: AGB, pp. 206-214, 1997.

- HANSEN, N. 1977. Border regions: A critique of spatial theory and a European case study. **The Annals of Regional Science**, 11(1), 1-14.
- LARA-VALENCIA, Francisco. Socio-spatial Domains of Cross-border Integration: Systematic Observation Matrix. Mimeo, 2018, 5 p.
- MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, Tânia M. et al. (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB-PA, 1998. p. 41-49.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MAZZEI, Enrique; SOUZA, Mauricio. **La frontera em cifras**. Melo: UdelaR, 2012.
- NEWMAN, David. On Borders and Power: A Theoretical Framework. **Journal of Borderlands Studies**, V. 18, No. 1, 2003.
- BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: Unesp, 2011.
- REITEL, Bernard. Article « Frontière », *Hypergéó*, 2004
- ROCHA, Rafael Port da; DORFMAN, Adriana; FRANÇA, Arthur Borba Colen. Construindo a Base de Dados de Teses, Dissertações e Monografias sobre Estudos Fronteiriços. **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras**, [s.l.], v. 2, p.13-59, 2015. Editora Letra1. <http://dx.doi.org/10.21826/2525-913x-2015-2p13-59>.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88 p.
- SOHN, Christophe; LARA-VALENCIA, Francisco. Borders and cities: Perspectives from North America and Europe. **Journal of Borderlands Studies**, 28(2), 181-190, 2013
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. 320 p.
- SZARY, Anne-Laure Amilhat; GIRAUT, Frédéric. Cap. 1. Borderities: The Politics of Contemporary Mobile Borders. In: SZARY, Anne-Laure Amilhat; GIRAUT, Frédéric. **Borderities and the Politics of Contemporary Mobile Borders**. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 1-23.
- VELOZO, Edgar Garcia. **Desafios do ensino de Geografia em região de fronteira: o caso da fronteira de Ambas Açuás**. Porto Alegre, 2019. 44 p.
- VERDUM, Roberto; FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. **Temáticas rurais: do local ao regional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 48 p.